

Turismo e Legado Cultural

Margarete Barreto. Editora: Papyrus

Por: José Henrique de Oliveira* e Lucelena Leite Delamaro**

Muitos estudos têm apontado para uma noção mais abrangente de patrimônio cultural, donde deve ser considerado tanto os bens materiais quanto os imateriais. Isso implica em ter uma atenção não só para a representação cultural das classes mais ricas como também para a cultura dos menos abastados.

Nesse contexto, a professora Margarita Barreto¹ procura estabelecer uma relação muito amistosa entre o fenômeno turístico e a questão da herança cultural, palavra que veio do inglês *heritage* e que tem sido comumente usada para tratar dos aspectos tangíveis e intangíveis relativos a um patrimônio, em seu livro "Turismo e Legado Cultural", lançado em 2000, pela Editora Papyrus, dentro da Coleção Turismo.

O livro aponta para diversos problemas com relação aos cuidados com um patrimônio. Um deles vem atrelado a questão conceitual. Pois, de acordo com a autora, "preservar significa proteger, resguardar (...). Conservar significa manter, guardar"². O impasse se dá pelo motivo que guardar não significa o mesmo que resguardar. A preservação dá idéia de permanecer intocado, uma vez que a



conservação faz com que haja uma atuação (dinamismo) dentro do processo cultural.

No livro, Barreto coloca como sendo a conservação a melhor opção para o patrimônio, que permite dialogar com as práticas turísticas. Um bom exemplo para isso

são os museus que poderiam ter a função de "despertar o interesse na visitação por parte dos turistas"³.

Porém, e aqui aparece outro problema, todo o cuidado é pouco para que, a partir do que foi dito acima, o patrimônio não seja qualificado como um "bem de consumo"⁴. Pois aí estaria perdendo uma das suas mais importantes características: sua identidade local. A autora atenta para a questão dos efeitos negativos advindos das "invasões bárbaras" que podem ocasionar em um completo extermínio de culturas nativas.

É importante ressaltar que quando Margarita fala de museu, ela já está apontando para uma nova concepção de museu; onde estaria totalmente ligado com as raízes culturais locais e também com uma nova visão empreendedora - capaz de seduzir o visitante (turista).

Dentro dessa nova perspectiva museológica, o elo com a cultura local foi colocado no texto com base no conceito de memória coletiva de Halbwachs⁵. Ele fala

que a memória coletiva é a chave para "desencadear o processo de identificação do cidadão com sua história e sua cultura"⁶.

Aliás, é interessante ressaltar o referencial teórico usado pela pesquisadora: em grande parte textos originais, o que muitas vezes confere um caráter de autenticidade e lisura ao texto.

Com relação à visão empreendedora dos museus, a saída seria trabalhá-lo de forma que tivesse todo um planejamento turístico, que conseguisse dirimir os problemas sócio-econômicos da região. Onde este tipo de intervenção estivesse voltada "não apenas a uma platéia de curiosos forasteiros (estrangeiros ou não), mas também aos próprios cidadãos locais, que seu objetivo é mostrar às gerações jovens qual foi o processo pelo qual sua sociedade passou para chegar ao ponto em que se encontra"⁷.

*José Henrique de Oliveira é mestrando do Programa de Engenharia de Produção da COPPE UFRJ

** Lucelena Leite Delamaro é historiadora e pesquisadora associada ao IVT-RJ

¹ Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica (1984) e doutora em Ciências Sociais Aplicadas à Educação pela UNICAMP (1998)

² BARRETO, Margarita. Turismo e Legado Cultural. São Paulo: Papirus Editora (Col. Turismo), 2000. pág.15

³ Ibid. pág. 34

⁴ Ibid. pág. 32

⁵ HALBWACHS, Maurice. La mémoire collective. Paris: PUF, 1968.

⁶ HALBWACHS APUD BARRETO. In: BARRETO, Margarita. Turismo e Legado Cultural. São Paulo: Papirus Editora (Col. Turismo), 2000. pág. 45

⁷ BARRETO, Margarita. Turismo e Legado Cultural. São Paulo: Papirus Editora, 2000. pág. 76-7.